



QUANDO O MEDO TEM COR: LUGARES INTERDITOS E RACISMO DISSIMULADO NO ESPAÇO URBANO

Joice de Souza Soares¹

A cidade do Rio de Janeiro carrega consigo diferentes páginas da história do Brasil. Na transição do século XIX para o XX, os territórios da cidade foram alvo de intensas transformações, sobretudo aqueles localizados na área central. Ao longo do século passado, a estrutura urbana da cidade ganhou as formas contemporâneas e grupos sociais periféricos e historicamente alijados dos processos políticos e econômicos, formados majoritariamente por pessoas negras, foram relegados a espaços longínquos ou para as encostas dos morros (Valladares, 1978, 2005). As iniciativas ligadas à produção capitalista do espaço urbano (Harvey, 2005) transformaram a parte sul, predominantemente litorânea da cidade, em alvo de constante especulação. Neste processo, ainda que indivíduos de classes sociais muito distintas possam conviver em determinados momentos, espaços e situações, a dinâmica urbana evidencia a fronteira entre o que é permitido e o que não é. Para determinados corpos, a circulação e/ou a permanência em espaços socialmente construídos como habitat natural da branquitude carioca não é autorizada. Neste trabalho, buscou-se explicitar a segregação socioespacial existente na cidade a partir de episódios de racismo. Para tanto, a partir de uma pesquisa qualitativa, foram analisadas reportagens publicadas nos jornais “O Globo” e “Extra”. Pretendeu-se, dessa forma, evidenciar não apenas a existência sistêmica de racismo nos territórios socialmente lidos como de “alto padrão”, mas também analisar os elementos utilizados pelos periódicos para abordar os casos – quase sempre considerados “isolados” – de discriminação racial. Como resultados, pode-se afirmar que a falácia da democracia racial serve para mascarar um racismo profundo, estrutural e estruturante das relações sociais na cidade que já foi a principal porta de entrada de escravizados para o Brasil e para a América. Apesar da aceitação de corpos negros, para execução de posições sociais atreladas à subalternidade no imaginário social, em espaços “naturalmente” lidos como vinculados à branquitude, a lógica hierarquizada e segregacionista expulsa-os desses mesmos espaços quando se trata de lazer. Conclui-se, desse modo, a permanência dos estereótipos criados acerca de indivíduos negros, sobretudo homens, como perigosos e incivilizados. E o Estado, por meio de diferentes instituições, reproduz incontáveis vezes esse estigma.

Palavras-chave: Racismo; Violência; Rio de Janeiro; Zona Sul.

REFERÊNCIAS

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

VALLADARES, Lícia do Prado. **Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em População, Território e Estatísticas Públicas, ENCE, RJ, Brasil.
E-mail: joicesoaresence@gmail.com

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com.**
Rio de Janeiro: FGV, 2005.